

Pedagogia de Projetos: Quais Desafios Enfrentar?

O espaço escolar e, sobretudo, o cotidiano da sala de aula encontra-se moldados por relações formais, atividades “repetitivas”, uso excessivo do livro didático. Nesse caso, podemos pensar a Pedagogia de Projetos como alternativa para burlar o ritmo das disciplinas escolares e desenvolver nos alunos a criticidade, autonomia nas formulações de problemáticas, possibilidades para a produção em grupo, espaços para socialização, enfim, movimentar a escola e oportunizar que a comunidade escolar conheça a produção dos trabalhos de professores e alunos.

Mas como trabalhar a pedagogia de projetos? Qual o papel do professor? O que é um projeto? Para Celso Antunes:

Um Projeto é, em verdade, uma pesquisa ou uma investigação, mas desenvolvida em profundidade sobre um tema ou um tópico que se acredita interessante conhecer. Essa pesquisa ou investigação deve ser desenvolvida por um grupo pequeno de alunos, algumas vezes pela classe inteira e em algumas circunstâncias excepcionais pode ser desenvolvida apenas por um aluno como também por mais de uma classe ou um grupo de alunos de diferentes classes.²

Nestes termos, notamos a pedagogia de projetos como uma das várias possibilidades que os professores utilizam para dinamizar o saber histórico de forma politizada. É notar a pedagogia de projetos como uma metodologia capaz de romper com as dicotomias do espaço escolar e encarar a pesquisa e/ou investigação como algo problematizador, onde os alunos possam sentir os desafios a ser enfrentados, as trilhas que percorrerão e a noção de que o conhecimento historiográfico se constrói a partir da realidade vivida, do presente. As indicações da professora Déa Ribeiro Fenelon nos elucidam a analisarmos esse processo:

Não tenho dúvida de que para fazer avançar qualquer proposta concreta como professores de História ou formadores de profissionais de História temos de assumir a responsabilidade social e política com o

momento vivido. Para isto seria necessário antes de mais nada romper com uma maneira tradicional de conceber conhecimento, sua produção e sua transmissão. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, o posicionamento no presente. Para sermos coerentes com a postura de 'sujeitos da História'. Se queremos avançar nesta perspectiva temos de nos considerar como 'produtores' nesta sociedade que queremos democrática e não como simples repetidores e reprodutores de concepções ultrapassadas.³

A “responsabilidade social e política com o momento vivido” nos leva a refletir sobre a desconstrução de mitos, a ambiguidade na relação professor/aluno e do processo ensino/aprendizagem, da cultura escolar, da forma que enfocamos a avaliação da aprendizagem, enfim, de notarmos que a didática é construída dentro de um processo (in) formal e contínuo.

A partir dessas posições políticas e pedagógicas, podemos pensar que a metodologia de projetos pode nos levar a perceber que “ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História”.⁴ Porém, é importante notarmos que a escolha da pedagogia de projetos não deve ser encarada apenas pelo modismo ou por uma atividade “aleatória”. Ao contrário, o papel do professor é de extrema responsabilidade e todo o processo centra-se nos seus direcionamentos, conforme expomos no item 4 (quatro) deste artigo – “Metodologia: limites e possibilidades” – o passo a passo do projeto.

Notamos que os desafios a ser enfrentados seja dinamizar a sala de aula e a busca, de forma contextualizada, do conhecimento historiográfico. Esse exercício forja o professor a romper com as atividades, consideradas pelos alunos, como “enfadonhas”. Nessa incansante busca é plausível notar que:

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa.⁵

A reflexão acerca do dinamismo na sala de aula insere-se num conjunto complexo de saberes e fazeres. As possibilidades de organizar o saber histórico pode ser criado

na medida que professores/alunos notam as fragilidades da interlocução na temática que está sendo abordada.

Daí a necessidade de criar um projeto intitulado: “História, Trabalho e Cotidiano”.⁶ A iniciativa justifica-se pela forma de mover temas, conceitos, opiniões, dicotomias, mitos. Outro fato seja o sentido de coser idéias, possibilidades, mas também de notar nessas brechas os limites do trabalho docente.

As próximas páginas discorrem essa experiência pedagógica, oportunidade que temos para socializar, dialogar e apontar os avanços e empecilhos que encontramos durante os trabalhos. As tramas seguem um debate que busca apresentar a instituição de ensino, desenvolvemos do projeto passo a passo, a metodologia utilizada, o público discente, os resultados e a busca de estratégias para “explorarmos” a história a partir da relação passado/presente.

A Pedagogia de Projetos no Centro Educacional de Tianguá: Buscando Estratégias Para as Práticas de Leitura, Interpretação e Produção de Textos

O Centro Educacional de Tianguá, de cunho público, é uma referência, em termos educacionais na cidade de Tianguá. Situada numa área central, especificamente, na Avenida Prefeito Jacques Nunes é de fácil acesso e localização. O Centro funciona nos três turnos (matutinos, vespertinos e noturnos) com ofertas de matrículas para o Ensino Fundamental I (1ª a 4ª séries) e II (5ª a 8ª séries). Além das seriações convencionais é oferecido o Ciclo Básico de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos – 1º e 2º segmento.

Os estudantes matriculados no Centro Educacional de Tianguá divisam-se entre os da sede, áreas periféricas e zona rural. Diante a diversidade dos alunos notamos que muitos vêm de escolas de realidades diferentes, mas encontram-se semelhanças nas defasagens da leitura, interpretação e produção de textos. Esse caso não é um fator isolado da disciplina de português, por exemplo, é um problema que atinge todos os professores das diversas áreas e em história sentimos isso na prática.

Perante essas problemáticas o desenvolvimento desse projeto teve como fio condutor às inquietações de alunos frente a situação da leitura, interpretação e produção de textos na disciplina de História, especificamente, quando trata-se de conteúdos gerais, onde expressam dificuldades na leitura interpretativa dos eixos temáticos chegando, inclusive, a identificar as atividades como “enfadonhas” e difíceis de construir uma interpretação, mesmo pautada nas exposições em sala de aula, nos exercícios reflexivos, nas

pesquisas bibliográficas e nas leituras do próprio livro didático. Neste último recurso notamos que os alunos não costumam (ai depende do direcionamento dos professores) a se posicionar de forma crítica e notá-lo como um instrumento político e de poder.

O posicionamento frente aos questionamentos acima centra-se na observância do excesso de conteúdos que professores e alunos enfrentam no cotidiano da sala de aula. Podemos citar, como exemplo, a Revolução Industrial e a Formação da Classe Operária. Duas temáticas complexas e que nos levam a analisar conceitos que não fazem parte da vida cotidiana de alunos de 7ª séries, exemplo: burguesia, proletário, produção capitalista, fábrica, industrialização, produção manufatureira, divisão social do trabalho, força de trabalho, luta de classe, greve, sindicato.

A identificação dos referidos conceitos, por parte dos alunos, no livro didático foi o suficiente para percebermos expressões de dúvidas e angústias, pois tratavam-se de tempos históricos e de conceitos desconexos da vida dos alunos. Essas dificuldades nos exigiu uma atitude e começamos a pensar estratégias para que os alunos pudessem, de fato, construir uma interpretação crítico-reflexiva sobre as temáticas estudadas. Nesse caso, procuramos notar que:

...aprender conceitos históricos é construir uma grade de referência que auxilie o aluno em sua interpretação e compreensão da realidade social, facilitando a leitura do mundo em que vive. Ensinar conceitos históricos não é impor o uso abusivo de termos técnicos e definições abstratas nem de memorização de palavras e de seu significado.⁷

Considerando essas indagações começamos a levantar hipóteses com os alunos, levando-os a notarem que a Revolução Industrial transformou a vida cotidiana e as relações sociais do trabalho; transformou o pequeno artesão em operário; a pequena oficina em grande metalurgia; o trabalhador deixou de manipular as ferramentas de trabalho e passou a ser um mero servente de máquinas.

Diante desse contexto procuramos desenvolver atividades com os alunos de forma que os conteúdos pudessem ser contextualizados e levassem-os a entender os processos sociais da Revolução articulando-os com as suas experiências de vida.

Nesse sentido, problematizamos como a História Global (Inglaterra – Século XVIII) interfere nas relações de sociabilidade dos tianguaenses, inclusive, hoje. Essa foi a forma

que encontramos para burlarmos os processos metódicos dos livros didáticos e incentivar os alunos a entender como a História Local pode ser tomado como centro de análise e problematização.

Objetivos

A proposta principal desse trabalho foi analisar a Revolução Industrial e a Formação da Classe Operária a partir de outras linguagens – jornais, livros, revistas, etc. – e levá-los a notar que as transformações advindas nas relações de trabalho, proveniente do avanço tecnológico, são questões que estão presentes em nosso cotidiano, expressos nas formas que diversos sujeitos sociais encaram o trabalho como forma de sobrevivência, de luta, e de luta política.

Nessa perspectiva, procuramos problematizar os itens abaixo:

- Levar os alunos a notar a História a partir da relação tanto da retrospecto quanto da prospecção, ou seja, analisar a História a partir do passado/presente; presente/passado;
- Incentivar a pesquisa em sala de aula como um procedimento metodológico capaz de proporcionar caminhos de análises;
- Levar os alunos a ler e interpretar textos jornalísticos presentes na cidade de Tianguá que trouxessem temáticas variadas sobre a vida cotidiana dos trabalhadores, neste caso os jornais consultados foram: O Barroco e o Gazeta da Serra;
- Incentivá-los a lerem outros textos que não fossem apenas os assuntos/temáticas do livro didático;
- Identificar nos materiais lidos os conceitos – greve, trabalho, luta de classe, etc. – e registrá-los através de produção textual;
- Refletir sobre as questões trabalhistas em Tianguá, problematizando os trabalhadores em suas diversas profissões;
- Problematizar que a Revolução Industrial não restringiu-se apenas tecnológica, mas essencialmente social; refletir sobre as condições gerais e as conquistas do operariado no século XIX, como exemplo, a organização dos sindicatos, associações;

Metodologia: limites e possibilidades

A experiência pedagógica foi realizada com alunos do Ensino Fundamental II (7ª séries – turmas A, B, C e D) no

período vespertino, perfazendo um total de 151 alunos com faixa etária entre 12 e 13 anos de idade. O projeto teve uma duração de um mês e quinze dias, compreendidos entre os meses de outubro e novembro de 2005. As abordagens que foram contempladas durante os trabalhos tiveram como metas o cumprimento do Plano de Curso e com ênfase nos Parâmetros Curriculares Nacionais/História que trata da contextualização dos conteúdos.

As atividades desenvolvidas no projeto foram divididas em 6 etapas:

1ª Etapa: explicando o projeto

A primeira etapa foi o momento onde expusemos a proposta do projeto e como iria se desenvolver e em qual conteúdo estava atrelado. A explanação do projeto decorreu mediante a questionamentos em sala de aula: Quais informações vocês têm sobre a Revolução Industrial? Onde ocorreu a Revolução Industrial? O que significa o termo “Avanço Tecnológico”? O Brasil é um país industrializado? Há indústrias em Tianguá? Quais? O que vocês entendem por produtos artesanais, manufaturados e por maquinofatura? Como os avanços tecnológicos interferem na vida cotidiana? Em quais espaços podemos notar equipamentos/máquinas que substituíram o trabalho humano?

Após incitar as turmas com os questionamentos acima, explicamos quais os percursos e as estratégias que utilizaríamos para incentivá-los a leitura, interpretação e produção de textos.

2ª Etapa: estudo individual e em grupo: o livro didático como análise

Para incentivar os alunos a notar o livro didático como instrumento de análise não foi tarefa fácil. Solicitamos aos alunos que, individualmente, realizassem as leituras dos capítulos referente à Revolução Industrial e a Formação da Classe Operária.

Para essa primeira parte notamos alguns alunos a reclamar sobre o fato de a História ser cansativa por conta das leituras, outros apontavam que a leitura deveria ser realizada em casa ou mesmo em grupo. Para incentivá-los a ler tive que sensibilizá-los e explicar que a atividade de leitura era necessária para o desenvolvimento do projeto, pois somente essa atividade lhes ajudaria a formar opiniões sobre as temáticas abordadas; o segundo passo, após a leitura, foi a elaboração de uma síntese, tomando como referência os capítulos lidos. Neste caso, para a elaboração da síntese tiveram que seguir um roteiro: apresentação do capítulo nos moldes de fichamento; levantamento de palavras-chaves,

problemáticas levantadas pelo autor; como é abordado a Revolução Industrial e, para concluir, como é tratado as relações de trabalho no passado/presente.

3ª Etapa: Leitura Complementar

Esta etapa teve como objetivo criar outras estratégias de leituras que não fossem unicamente as do livro didático. Após explicarmos do que se tratava essa atividade socializamos com os alunos dois textos, cuja características metodológicas eram distintas das abordagens no livro didático. Entre os textos selecionamos: HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 e o poema de MORAES, Vinícius de – *Operário em Construção*.

Duas leituras diferentes, o que possibilitou aos alunos a observância nas diversas abordagens dos autores, seja no trato com as temáticas: “Revolução”, divisão social do trabalho, relação patrão/empregado, etc.

Os alunos gostaram dos textos, pois traziam indicações que mostravam o por que da Revolução Industrial ser considerada uma das maiores transformações da história, por outro lado, explicitava as desastrosas mudanças nas relações de trabalho e como os trabalhadores procuravam adaptar-se a essa nova realidade sobre os moldes do capitalismo.

Para o estudo dos textos e sínteses dividimos os alunos, por afinidades, em equipes de quatro pessoas. Ao término da leitura os alunos formaram um círculo, onde expuseram as questões estudadas em grupo.

Nessa atividade, notamos que alguns alunos conseguiram estabelecer a relação entre passado/presente nos apontando sobre as péssimas condições dos trabalhos nas fábricas no início do século XIX com os trabalhos prestados por diversos sujeitos na cidade de Tianguá. Nas observâncias destacaram as funções ocupadas por “garis”, “serventes da construção civil”, “vendedores ambulantes”, “carreiros”, onde os mesmo, alertaram os alunos, trabalham sem nenhuma proteção para prevenir acidentes no trabalho (“Botas, luvas, máscaras, capacete, etc.”).

4ª Etapa: pesquisando em jornais

Nessa etapa procuramos trazer para sala de aula atividades de leituras que estivessem próximo da realidade dos alunos, seja referente à experiência de vida dos trabalhadores tianguaenses ou no trato com o acesso a leitura privilegiada por eles. Então, na intenção de atingir os dois objetivos privilegiei por escolher os jornais “O Barroco” e o “Gazeta da Serra” como forma de trazer à tona uma história do cotidiano e, portanto, dos diversos trabalhadores que

apareciam nas manchetes como sujeitos anônimos da história local, senão como meros sujeitos perdidos num emaranhado de noticiários. Neste último caso, tivemos que desenvolver habilidades nos alunos para que os mesmos percebessem quais as estratégias de registros o editor, o jornalista enfocava em determinada matéria. Referente a este exercício ressaltamos que antes da leitura e análise das matérias jornalísticas tivemos que levantar alguns questionamentos, vejamos abaixo:

- a) O que é um texto jornalístico? Qual a função de um texto jornalístico? Qual a sua estrutura? Quais informações contém? Como são registradas essas informações? Quem escrevia as matérias? Quais público queriam atingir?
- b) Relacionar os textos selecionados nos jornais referente a temática “trabalho e trabalhadores” com os das leituras complementares.
- c) Identificação das palavras cujo significado pareça de difícil compreensão, ou seja, desconhecido (sublinhe-as ou escreva-as no caderno).

Após a consulta nos jornais os alunos foram levados a produzirem um texto, em forma de redação dissertativa, com base nos dados anotados sobre a temática selecionada. Nesse caso, resolvemos dar um título a redação, cujo tema foi “Trabalhadores do Brasil”.

Nessa atividade incentivamos os alunos a buscarem diversas fontes de informações, pois o propósito era levá-los a praticar a escrita utilizando-se da artimanha de cruzar informações. Uma tarefa difícil, mas que foi realizada, muito embora ainda seja necessário fazer intervenção nos problemas ortográficos, coerência textual, redundâncias, etc. Nesse caso, o texto passou por uma análise de ida e volta, ou seja, após duas revisões os alunos puderam montar um texto definitivo.

O final dessa etapa culminou por os alunos, em equipe, produzirem cartazes que representassem de forma contextualizada – através de colagem, desenhos e escrita – as leituras realizadas no livro didático, nas leituras complementares e jornais. O resultado foi socializado por cada equipe em sala de aula, onde produziram e apresentaram cartazes pontuando-nos sobre as descobertas mediada pela pesquisa, leitura, análise e produção de textos.

5ª Etapa: visita a fábrica Renna Calçados

A pesquisa de campo foi uma das principais atividades, segundo depoimento dos alunos, pois na fábrica puderam notar, na prática, a produção em série, máquinas, a

divisão social do trabalho, a disciplina no trabalho, as hierarquias, o processo de armazenamento, ou seja, uma fábrica aos moldes do sistema capitalista. Essa etapa foi a forma que encontraram para notar na prática o que eles já haviam estudado na teoria.

Os alunos seguiram para a fábrica com um roteiro de perguntas elaboradas em sala de aula, mas enfatizamos que ao chegarem na fábrica, se necessário, pudessem fazer outras intervenções.

A fábrica Renna Calçados, localizada na BR 222, Km 310, Bairro Córrego em Tianguá-CE, vem tendo destaque na cidade, seja pelo favorecimento a 180 empregos aos tianguaenses, que distribuídos entre masculino e feminino, cujas funções são diversificadas em gerência, arte, costura, montagem e armazenagem; seja pela organização dos proprietários, que de origem gaúcha, expressam as práticas administrativas, a experiência no ramo da produção de calçados.

É importante registrar que os alunos puderam visualizar na fábrica a presença de práticas capitalistas, ou seja, o ritmo do trabalho, o tempo do trabalho, a hierarquização, a produção escoada para os Estados Unidos, dentre outras características.

Essa atividade foi a que mais nos surpreendeu, pois os alunos ficaram abismado diante tantas máquinas e funcionários, pois mesmo sendo em Tianguá nunca tiveram oportunidade de visitar a fábrica e analisar os processos de produções, embora alguns pais e/ou parentes de alguns alunos fossem trabalhadores/trabalhadoras da Renna Calçados.

6ª Etapa: Culminância

O que é culminância? A culminância é o momento que reservamos para expor toda a produção dos alunos. Para



Alunos trabalhando na ornamentação da culminância

essa etapa tivemos o cuidado de dividirmos tarefas para que todos pudessem participar de forma efetiva, pois eram necessários alunos para recepcionar os colegas, coordenar os trabalhos expostos, participação na peça teatral, organização e ornamentação das salas.

A culminância teve início às 13:00 e finalizou às 17:00

horas. Antes desse horário realizamos um trabalho com uma equipe de alunos voluntários para ornamentar, organizar as salas, varrê-las, construir e colar painéis, etc. Podemos ob-

servar que nessa tarefa muitos alunos sentiram-se livres para criar e opinar sobre como deveriam expor os trabalhos.

Antes da abertura da culminância a primeira atividade realizada foi o credenciamento, onde contamos com um



Peça Teatral: Operário em Construção (Adaptação do texto de Vinícius de Moraes por José Orlando - Amigo da Escola)

aluno de cada 7ª série para inscrever os alunos e os visitantes, a segunda foi a leitura da programação pelo cerimonialista – Ramiro Nazário, aluno da 7ª A.

A terceira atividade foi a apresentação do grupo de teatro. As ações do teatro foram direcionadas por intermédio de José Orlando L. de Sousa, voluntário

e Amigo da Escola. A apresentação teatral, organizada por José Orlando, tratava-se do texto de Vinícius de Moraes – Operário em Construção. Ressalta-se que todos os atores eram alunos das 7ª séries A, B, C e D. Em seguida, tivemos a participação do professor de matemática Tarcísio Azevedo/CET, onde recitou uma parábola de um agricultor e um caminhoneiro intitulado: “O mal se paga com o bem”.

E, por último, alunos e visitantes foram convidados a visitarem as “Mostras de Trabalhos”. As salas organizadas pelos alunos trouxeram temáticas diversificadas. Vejamos abaixo:

- Sala 1: Produtos manufaturados – coordenadores 7ª série “A” (Esta exposição reuniu uma variedade de produtos artesanais, ou seja, trabalhos realizados manualmente que foram - ou são - produzidos na nossa região. E também mostrar que apesar do grande Avanço Tecnológico podemos notar, com essa exposição, que os trabalhos de diversos artesãos ainda resistem as sociedades capitalistas);
- Sala 2: História e Linguagens – coordenadores 7ª série “B” (Os trabalhos expostos referiram-se as atividades produzidas pelos alunos, que perante as diversas estratégias de intervenção, acabaram por produzir cartazes, redações, relatórios, poesias.
- Sala 3: Exibição do filme Tempos Modernos – coordenadores 7ª série “C” (Trata-se do último filme mudo de Chaplin, que focaliza a vida urbana nos Estados Unidos nos anos 30, imediatamente após

a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego);

- Sala 4: Memória Imagética – coordenadores 7ª série “D” (A referida sala expôs fotos de diversas temáticas: Trabalhadores em greve, os diversos meios de transportes, casas de engenho, trabalhadores ambulantes. Registra-se que o acervo fotográfico exposto durante o evento pertence a GRECULT – Grupo de Valorização da Cultura Tianguaense.).



Alunos responsáveis pela exposição do artesanato

Avaliação

O projeto – História, Trabalho e Cotidiano – nos fez trilhar caminhos que não estavam programados: a complexidade do tema, as expectativas dos alunos, a carência de recursos didáticos e outros. Essas problemáticas, encaradas como desafios, nos levaram a reorganizar a prática docente, a experimentar das agruras do “improvisado” e por meio dessas reconhecer nossas fragilidades. Por outro lado, algo nos fazia driblar essas problemáticas ao notar o entusiasmo, a interlocução, a destreza expressa na ação de cada aluno, seja na produção, organização e exposição dos trabalhos, na formação das equipes e na disposição de buscar pistas, trilhar caminhos, aprender a fazer.

Nessa atividade os alunos perceberam que não estávamos preocupados em expor trabalhos aleatórios, mas notaram que tínhamos que zelar pela organização e demonstrar ao pú-

blico visitante que, de fato, os trabalhos expostos são representações de uma ação coletiva e que foram produzidos pausadamente e, portanto, necessitava expressar credibilidade, não só nos trabalhos, mas nas fisionomias dos alunos satisfeitos em notar, na exposição, seus trabalhos expostos.

O fato é que, diante dessa panacéia, nos esforçamos para que alunos de 7ª séries lessem, interpretassem e produzissem textos. Claro, que a cada linha escrita notávamos os limites, peculiaridades, gestos que pontuados pelo simples traço da caneta tornaram-se únicos e irreversíveis.

Mediante o delinear desse projeto foi possível notar habilidades diversificadas, ou seja, os alunos buscam dinâmica e esperam que os professores flexibilizem seus planos de aula para isso. Eis aí a diferença da pedagogia de projetos; aborda um tema analisando diferentes linguagens (poesia, pintura, jornais, etc.) e proporciona aos alunos a expressar sensibilidade para o teatro, a escrita, o coordenação de grupo. Por outro lado, existiram alunos que desenvolveram apenas as tarefas propostas pelo professor, ato que gerou expectativas pelo fato de nos preocuparmos se o projeto estava proporcionando um espaço para o ensino-aprendizagem sem gerar exclusão.

As expectativas, as dúvidas, os desafios eram constantes, as estratégias para buscar soluções foram inúmeras. No entanto, se encararmos essas situações com criatividade e responsabilidade somos capazes de suprimir nossas fragilidades, de oferecer vãos aos alunos ou até mesmo de aprisioná-los (que não é nossa intenção).

Para concluir, gostaria de destacar que as atividades trabalhadas nesse projeto superaram as nossas perspectivas, mas não deixamos de notar e problematizar o respeito a diferença, à diversidade cultural e intelectual, que os alunos expressaram em gestos, palavras, indagações, dúvidas, certezas...

Referência Bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Um método para o ensino fundamental: o projeto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FENELON, Déa Ribeiro. “A formação do profissional de história e a realização do ensino”. In.: **Projeto História**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (2):7-19, ago. 1982.

FONSECA, Thais N. de L. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Kaufman, Ana M. & Rodríguez, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Koch, I. V. e Fávero, L. L. **A coesão textual. Mecanismos de constituição textual. A organização do texto. Fenômenos da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2001.

Neves, Iara Conceição Bitencourt (org.) **Ler e escrever – compromisso de todas as áreas.** Rio Grande do Sul: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLE, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e ação no magistério).

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In. BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. pp. 54-66.

NOTAS

¹ E-mail: gleison.monteiro@bol.com.br

² ANTUNES, Celso. Um método para o ensino fundamental: o projeto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 15

³ FENELON, Déa Ribeiro. “A formação do profissional de história e a realização do ensino”. In.: Projeto História. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (2):7-19, ago. 1982.

⁴ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In. BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O Saber Histórico na Sala de Aula.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. pp. 54-66.

⁵ Id. *Ibidem.*, p. 57.

⁶ Para o desenvolvimento desse projeto necessitei contar com o apoio de alguns amigos/amigas e que faço questão de registrar neste artigo: aos professores Meyrelândia Fernandes e Amauri P. Carvalho; ao Amigo da Escola José Orlando L. de Sousa; a Gráfica Impressos, representado por Alexandro Rodrigues da Silva e Ana Virgínia Ramos e ao Núcleo Gestor do CET.

⁷ SCHIMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLE, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004. (Pensamento e ação no magistério) p. 63.